

AS CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE DAS SUBÁREAS SOCIOCULTURAL E PEDAGÓGICA NA PÓS-GRADUAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA

MARLUCE RAQUEL DECIAN CORRÊA¹; LUIZ CARLOS RIGO²

¹Universidade Federal de Pelotas – marlucedecian@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – rigoperini@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Educação Física brasileira é um fenômeno relativamente recente. Os primeiros cursos surgiram entre o final da década de 1970 e início da década de 1980. Todavia, ao longo das décadas de 1990, 2000 e 2010 ocorreu um expressivo crescimento no número de cursos de mestrado e de doutorado na área.

A maioria dos estudos costumam classificar este campo científico¹ em três subáreas: biodinâmica, sociocultural e pedagógica. Na subárea biodinâmica, situam-se as pesquisas que legitimam suas investigações, predominantemente, pelos princípios epistemológicos oriundos das Ciências Biológicas e da Saúde, já nas subáreas sociocultural e pedagógica, localizam-se as pesquisas que seguem predominantemente modos operantes oriundos das Ciências Sociais e Humanas (Manoel e Carvalho, 2011; Amadio e Barbanti, 2000; Betti et al., 2004; Rigo et al., 2011).

Entretanto, de acordo com a classificação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), os Programas de Pós-Graduação em Educação Física, juntamente com os programas da Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional constituem a área 21, a qual está alocada na grande área da saúde (Capes, 2016). Alocação essa que historicamente tem sido motivo de controvérsias, como a expressa no documento do Fórum de Pesquisadores das subáreas sociocultural e pedagógica (2015), que aponta para a necessidade de uma alocação autônoma e específica para a Educação Física.

Silva et al. (2014) alertam que apesar de se identificar um crescimento visível na Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Educação Física brasileira nos últimos anos, este crescimento não vem se dando de maneira equânime nas diferentes subáreas. Desse modo, sem desqualificar ou desmerecer possível avanço, faz-se necessário analisar com mais cuidado os avanços e as singularidades constituintes desse campo, e não apenas comemorar dados que apontam para o seu crescimento numérico.

A partir dessa pressuposição, os principais objetivos do estudo foram: traçar um panorama atual da Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Educação Física brasileira; analisar o estado e as condições de possibilidades de expansão das subáreas sociocultural e pedagógica; e analisar o Qualis Periódicos da área 21, referente ao quadriênio 2013 -2016.

2. METODOLOGIA

¹ Maiores considerações sobre o conceito de campo científico ver Bourdieu. (1983, 2004).

O estudo teve caráter exploratório e seguiu os princípios epistemológicos da pesquisa qualitativa. O suporte empírico deu-se através da análise documental, segundo indicadores metodológicos apontados por May (2004). O *corpus* empírico da pesquisa constituiu-se das seguintes fontes primárias: Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG 2011-2020); Documento de Área (2016) da Área 21 da CAPES; Plataforma Sucupira; os sítios dos Programas de Pós-Graduação; e o Qualis Periódicos da área 21 (quadriênio 2013-2016).

O acesso à Plataforma Sucupira e aos sítios oficiais dos Programas de Pós-Graduação em Educação Física ocorreram no decorrer de 2017. A partir dessa consulta, organizou-se uma tabela com os dados de cada Programa de Pós-Graduação em Educação Física. A análise do Qualis Periódicos da área 21, versão 2013-2016, ateu-se aos estratos A1, A2 e B1, conforme o WebQualis da área 21 (2017). Para se identificar a que subárea cada periódico desses estratos tinha maior adesão, foi lido o escopo de cada um deles e, quando necessário, foram analisados os últimos três números do respectivo periódico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da consulta realizada no *site* da Plataforma Sucupira, foram localizados 37 Programas de Pós-Graduação da subárea Educação Física, 20 das subáreas fisioterapia e terapia ocupacional e 10 da subárea fonoaudiologia, 67 programas na área 21. Dos 37 programas da subárea Educação Física, cinco foram excluídos, dois por ter apenas o mestrado profissional e três por não pertencer exclusivamente à subárea Educação Física. Assim, a pesquisa analisou 32 programas acadêmicos, 20 com mestrado e doutorado e 12 apenas com o curso de mestrado.

O total dos 32 programas contabilizou um montante de 666 pesquisadores. Desses, 478 (71,77%) estão lotados na subárea biodinâmica e 165 (24,77%), nas subáreas sociocultural e pedagógica e 23 (3,45%) em ambas. Comparando estes dados com os que foram apontados por Rigo et al. (2011), nota-se que de 2010 a 2017 houve um crescimento bastante desproporcional entre as duas grandes áreas da Educação Física. Enquanto, juntas, as subáreas sociocultural e pedagógica passaram de 142 (em 2010) para 165 pesquisadores credenciados em 2017, a subárea biodinâmica passou de 260 para 478.

Esse crescimento desigual entre as duas grandes subáreas da Educação Física certamente reporta a inúmeros fatores, entre os quais destaca-se a insistência de uma avaliação centrada em critérios e em conceitos oriundos do campo das Ciências Biológicas e da Saúde, menosprezando as singularidades epistemológicas/metodológicas das subáreas da Educação Física/Ciências Sociais e Humanas. Tal postura, além de dificultar a expansão das duas subáreas pertencentes ao campo das Ciências Sociais e Humanas, compromete a qualidade dos produtos oriundos dessas subáreas, principalmente porque, diferente da valoração feita pela área 21, quanto mais as Ciências Sociais e Humanas se aproximam e tentam se assemelhar às Ciências não humanas, menos qualidade e menos relevantes elas tendem a se tornar (Japiassú, 2002; Foucault, 1999).

O Qualis Periódicos, por sua vez, pode ser considerado uma consequência e também uma das causas desse estado que vem se reproduzindo na Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Educação Física brasileira. O Qualis Periódicos (quadriênio 2013-2016) da Área 21 está composto por 2.219 periódicos. Desses, 239 (10,8%) estão alocados no estrato A1; 275 (12,4%) no estrato A2; 377 (17,0%) no estrato B1; 381

(17,2 %) no estrato B2; 225 (10,1%) como B3; 357 (16,0%) como B4; 344 (15,5%) como B5; e 20 (0,9%) como C.

Em decorrência dos objetivos desse estudo e das condições de possibilidades de sua realização, optou-se por analisar somente a configuração dos estratos A1, A2 e B1. Tal opção deu-se, principalmente, em decorrência desses serem os estratos mais valorizados nas avaliações da área 21. Assim, efetuou-se a análise de um total de 891 periódicos (239 - A1, 275 - A2 e 377 - B1).

Foi possível observar que nos três estratos superiores a aderência dos periódicos com a subárea biodinâmica é superior a 90%. A1 - 94,1%; A2 - 92,6% e B1 - 90,2%. Essa tamanha desigualdade em boa parte está relacionada a superioridade numérica de pesquisadores vinculados ao campo das Ciências Biológicas e da Saúde na área 21.

Outro elemento que merece ser destacado são os critérios utilizado para a estratificação dos periódicos. Diferente de outras áreas, a área 21 vem optando por utilizar o Fator de Impacto (Journal Impact Factor) como o principal divisor de águas para definir os periódicos que serão alocados nos estratos A1 e A2. O Journal Citation Reports (JCR) também é utilizado para estabelecer se o periódico será classificado como A1, A2 ou B1, menosprezando o fato de que originalmente o JCR não foi criado “como medida da qualidade científica da pesquisa num artigo” (OLIVEIRA, 2017, p. 95).

Como consequência dessa sobrevalorização do JCR, institui-se na área 21 uma busca quase que desesperada pela publicação em periódicos detentores de um elevado Fator de Impacto, como se isso fosse um certificado para todos os artigos. Esquece-se, por exemplo, que tanto o JCR como o Institute for Scientific Information (ISI), são controlados pela Thomson Reuters. E que “esses índices provêm de companhias privadas, cujas lógicas em última instância é o lucro (ZINGANO, 2017, p. 121). Como atesta, por exemplo, o valor que muitos periódicos vem cobrando pela publicação de cada artigo.

4. CONCLUSÕES

Sem pretender esgotar as análises e o debate que circundam os objetivos dessa pesquisa, a partir das questões que assinalou-se no corpo do texto, concluiu-se que a configuração epistêmica e avaliativa que rege a área 21 reduz as condições de possibilidades de expansão das subáreas sociocultural e pedagógica no âmbito da Pós-Graduação da Educação Física brasileira. Como revela o pequeno crescimento que teve no número de pesquisadores credenciados nessas subáreas nos últimos anos, principalmente se comparado ao crescimento que teve a subárea biodinâmica.

De modo que, a grande valorização ao JCR na composição do Qualis Periódicos parece ser um fator decisivo para a composição de um Qualis Periódicos eminentemente estrangeiro em seus estratos superiores e com pouca aderência às subáreas sociocultural e pedagógica. Sobre isso, parece pertinente a área atentar para o fato de que o “conteúdo científico de um artigo é muito mais importante que a métrica ou a identidade da revista em que é publicado” (OLIVERIA, 2017, p. 96). Além de não ignorar que o campo acadêmico/científico, longe de ser um *locus* desinteressado, é político e econômico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADIO, A; BARBANTI, V. (Orgs.). **Biodinâmica do movimento humano e suas relações interdisciplinares**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

BETTI, M; CARVALHO, Y.M; DAOLIO, J; PIRES, G.L. A avaliação da educação física em debate: implicações para a subárea pedagógica e sociocultural. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 1, p. 183-194, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal e Nível Superior. **Plano Nacional de Pós-Graduação - PNPG 2011-2020**. Brasília, DF: CAPES, 2010.

CAPES. **Documento de Área. Área 21 – Educação Física**. Brasília 2016. Acessado em 20 ago. 2017. Online. Disponível em: <http://capes.gov.br/images/documentos/Documentos de area 2017/21 efis docare a 2016.pdf>

FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FÓRUM DE PESQUISADORES DAS SUBÁREAS SOCIOCULTURAL E PEDAGÓGICA. **Cenários de um descompasso da pós-graduação em Educação Física e demandas encaminhas à CAPES**. Acessado em 31 mar. 2016. Online. Disponível em: <http://www.cbce.org.br/noticias-detalle.php?id=1074>

JAPIASSÚ, H. **Introdução as Ciências Humanas – Análise de Epistemologia Histórica**. São Paulo: Editora letras & Letras, 2002.

MANOEL, E.J; CARVALHO, Y. M. Pós-graduação na educação física brasileira: a atração (fatal) para a biodinâmica. **Revista de Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 389-406, 2011.

MAY, T. Teoria social e pesquisa social. In: Tim May. **Pesquisa Social: questões, métodos e processos**. 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

OLIVEIRA, M.B. Fraudes e plágios na ciência: a epidemia, o tratamento moralizador e seu fracasso. **Revista Adusp**. (Associação dos docentes da USP). São Paulo. No 60. Dossiê “Produtivismo Acadêmico”. p. 66 -78, 2017.

RIGO, L.C; RIBEIRO, G.M; HALLAL, P.C. Unidade na diversidade: desafios para a Educação Física no século XXI. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v.16, n. 4, p. 230 -245, 2011.

SILVA, R.H.R; SACARDO, M.S; SOUSA, W. L. Dilemas da política científica da Educação Física. **Movimento**. Porto Alegre, v. 20, n. 4, p. 1563-1585, 2014.

ZINGANO, M. Sobre o qualis periódico 2015 – filosofia e o risco de Sepukku. **Revista Adusp**. (Associação dos docentes da USP). São Paulo. No 60. Dossiê “Produtivismo Acadêmico”. P. 118 – 123. 2017.